ARMANDO NOGUEIRA: O FUTEBOLEM ARTE EM PALAVRAS

Luiz Henrique de Azevedo Borges – IPHAN/UEG

falecomluizborges@gmail.com

Marcelo Rodrigues dos Reis – UEG

marceloreisueg@gmail.com

Resumo: O futebol é uma atividade e um discurso que há anos individualiza e identifica e traz orgulho aos brasileiros, dando-lhes uma identidade e marcando seu lugar no mundo. Na busca epistemológica da construção representacional do Brasil como país do futebol, as crônicas de Armando Nogueira foram analisadas. Eles ajudaram a caracterizar, juntamente com outros cronistas, o futebol brasileiro tendo como predicado fundamental a prática do futebol-arte. Do homem tímido, inibido e humilde, o “vira-latas” de Nelson Rodrigues, o brasileiro se torna o homem genial, repleto de virtudes e qualidades a partir da campanha vitoriosa na Copa do Mundo de 1958. Esses discursos não se circunscrevem ao espaço esportivo, ele adentra outros espaços discursivos e se torna polifônico, dialogando e formando imagens do que é ser brasileiro.

Palavras-chave: História, Futebol, Identidade, Representação e Armando Nogueira.

Em 30 de outubro de 2007, em uma terça-feira na cidade de Zurique, o Brasil ganhou o direito de sediar uma nova Copa do Mundo, 64 anos após o campeonato mundial de 1950, de tristes lembranças para a torcida brasileira. A euforia tomou conta do país, como se já tivéssemos levantando o “caneco”, demonstrando, mais uma vez, a nossa forte identificação com o futebol. Em 2013, na Copa das Confederações, o Brasil novamente provou sua competência e, em especial, a energia de sua torcida, sobretudo na final contra a temida seleção espanhola. Uma vitória incontestável e mais um título conquistado. Uma nova afirmação do futebol brasileiro.

O futebol, denominado “esporte das multidões”, é capaz de levar milhões de torcedores brasileiros e bilhões em todo o mundo a assistirem as partidas nos estádios ou em frente aos televisores, capaz de parar as atividades cotidianas do país em períodos de Copa do Mundo. Talvez, por isso mesmo, o brasileiro tenha a impressão disseminada, e fruto de um processo bem sucedido de naturalização, de que o futebol é algo que lhe é inerente, quase se confundindo com ele próprio. O futebol, esporte bretão, chegou ao Brasil em fins do dezenove e tornou-se, inicialmente, uma prática esportiva muito comum entre os membros da elite brasileira, servindo inclusive como elemento de diferenciação dela com outros grupos sociais.

Há que se destacar, porém, que boa parte da trajetória inicial do futebol no Brasil possui um caráter elitista e, dificilmente poderia ser de outra forma. Os ingleses, precursores desse esporte em nosso país, faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca; além deles, somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol⁹¹

91 CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990, p. 24.

Porém, esse exclusivismo não se perpetuou e de forma surpreendentemente rápida o futebol foi apropriado por todos os setores da sociedade brasileira, tornando-se não apenas uma das nossas riquezas como nação, mas também uma das nossas principais caixas de ressonância social. É preciso ressaltar que a prática do futebol se viu favorecida pela quantidade e simplicidade de suas regras e pelo baixo custo dos instrumentos de jogo.

Qualquer um, inclusive os indivíduos menos abastados, poderia praticá-lo seguindo suas regras. Para isso bastava dispor de uma bola, que não necessariamente precisaria ser de couro, mas poderia ser de pano, e um terreno baldio, rua ou praça que se transformaria no campo. Dessa forma, o futebol acabou por interessar não só à elite brasileira, mas também aos outros segmentos sociais. Considerando o manifesto interesse pelo jogo, não tardou muito para que sua prática se estendesse a essas camadas menos favorecidas, que buscaram espaço próprio para realizarem tal atividade.

Pode-se claramente perceber que o Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser determinada temporalmente, na qual os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente e, dentre os vários e renomados cronistas esportivos brasileiros, Armando Nogueira ocupa um lugar especial.

Armando Nogueira, um dos maiores e mais populares cronistas brasileiros, nasceu em Xapuri, no Acre, em 14 de janeiro de 1927. Com o intuito de completar os seus estudos, dirigiu-se, no ano de 1944, para a cidade do Rio de Janeiro. Em 1950, ano em que o Brasil perdeu a final da Copa do Mundo para o Uruguai jogando no Maracanã, Armando Nogueira ingressou no jornalismo, no jornal *Diário Carioca*, onde ocupou o cargo de redator chefe de esportes e, com o pseudônimo Arno, assinava a coluna “Bola Pra Frente”. Daí em diante esteve sempre envolvido com a atividade jornalística, apesar de ter se formado em Direito em 1953.

No ano de 1959 ele ingressou no telejornalismo, na antiga TV-Rio, canal 13. Nessa emissora participou, a partir de 1963, nas noites de domingo, juntamente com Nelson Rodrigues e João Saldanha, entre outros, da “Grande Resenha Facit”, sendo ele o responsável por comandar a mesa. Walter Clark, além de convidá-lo, assim como aos outros membros do grupo, para apresentarem um programa do mesmo gênero na TV Globo, deu-lhe outra incumbência: ajudar a implantar o telejornalismo na citada emissora. Entre 1966 e 1990 foi diretor da Central Globo de Jornalismo, da Rede Globo de Televisão, emissora para a qual também dirigia a Divisão de Esportes.

Armando Nogueira é tido como um dos maiores cronistas esportivos brasileiro. Alguns chegam mesmo a aproximar a sua técnica de escrita à Machado de Assis, expressa na técnica da

interrupção quando, ao narrar o que era aparentemente o motivo, visando a favorecer o desenvolvimento de aspectos considerados secundários.⁹² Suas crônicas estão incluídas em antologias dos melhores cronistas brasileiros e alguns de seus livros são adotados nos cursos de Língua Portuguesa e de Literatura do Ensino Médio e até mesmo no circuito acadêmico.

O cronista acreano é um homem em sintonia com o seu tempo e demonstrava grande interesse pelas manifestações populares, percebendo-as como elementos identitários dos brasileiros e, nesse sentido, o futebol ocuparia um lugar muito especial.

Imperdoável melancolia de quem sabe, e sabe muito bem, que esta deliciosa cidade não é samba, apenas; que o Rio, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável – o futebol. Esse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre país.⁹³

É importante ressaltar que Nogueira não escrevia apenas sobre futebol, suas crônicas tratavam também de muitos outros esportes. Porém, independentemente do esporte, um ponto caracterizava e unia os temas abordados, a valorização da genialidade, da capacidade do atleta de superar as adversidades a partir do seu esforço e talento.

Se Armando Nogueira é um apreciador de todos os esportes, ainda sim parte significativa das suas crônicas está relacionada ao futebol, esporte entendido por ele como “lúdico e, ao mesmo tempo, poético, lírico e patético. Reúne todos os sentimentos com os quais os cronistas trabalham a sua sensibilidade.”⁹⁴

Assim como Nelson Rodrigues, Armando Nogueira também acreditava que o futebol era extremamente propício para a intersecção entre a realidade e a fantasia, inclusive privilegiando a última

O futebol não convive bem com a realidade pura e simples. Prefere o delírio, a fantasia, a mentira vestida de verdade. Por exemplo: eu costumo dizer que o Gol de Placa, aquele de Pelé, driblando meio time do Fluminense, ilustra à perfeição, a capacidade que tem o torcedor de recriar os fatos. Quanto mais o tempo passa, mais espetacular vem ficando aquele gol.⁹⁵

92 PROENÇA, Ivan Cavalcanti. “Estudo introdutivo: procura obsessiva dos tempos perdidos ou a catarse pela bola”. In: NOGUEIRA, ARMANDO. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. XV.

93 NOGUEIRA, Armando. “A alma esférica do carioca”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 138.

94 MARQUES, José Reinaldo. “Crônica valoriza o jornalismo esportivo”. In: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1273>. Acessado em: 15/08/2013.

95 NOGUEIRA, Armando. “O olé a vaca...”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 139.

Armando Nogueira percebe claramente o futebol-arte como uma identidade clara do futebol brasileiro. Para ele, o brasileiro não se contenta apenas com a vitória, mas, além de vencer, é obrigatório que se jogue bonito, que as vitórias sejam inquestionáveis e que a superioridade técnica dos brasileiros fique patente.

Essa é a imagem que o futebol brasileiro não apenas criou de si mesmo, mas que também ganhou o mundo. Sendo assim, para que a Seleção represente o brasileiro é preciso que o último se identifique com ela e esse processo só se completa quando o Brasil apresenta um futebol virtuoso. Nesse caminho, Nogueira realiza aproximações entre o futebol praticado no Brasil e a dança, ambas expressões criativas do brasileiro. No futebol tal aproximação se daria pelos floreios e pelo inusitado, elementos que também são encontrados na dança.

Acontece que, no futebol, não basta vencer. É fundamental que se vença convencendo. Quer dizer, jogando bem e bonito. E como foi que a seleção brasileira construiu sua imagem mundo a fora, tempos a fora? Quem despertou nas multidões a grata sensação de que o futebol é uma forma de arte tão rica de expressões quanto a dança: corpo, espírito e coração inventando gestos em perfeita harmonia?⁹⁶

O cronista aqui analisado, assim como outros companheiros que teve, como João Saldanha, estabeleceu uma identidade, a partir da diferença, entre a forma de jogar dos brasileiros e dos europeus. Futebol Arte X Futebol Força. O primeiro caracterizando o futebol brasileiro e o segundo o futebol europeu.

Nesse ponto, Nogueira não concordava com comentaristas contemporâneos que afirmavam e ainda afirmam que os tempos mudaram e que não há mais espaço para a prática do futebol-arte tal como em décadas passadas. O craque, para o cronista, com seus passes, com seus dribles e com sua técnica, continua sendo capaz de gerar o encantamento em todos aqueles que o assistem, além, é claro, de desequilibrar e decidir uma partida. É exatamente essa capacidade técnica, a existência de jogadores realmente diferenciados, capazes de realizar jogadas inusitadas, que caracteriza a história do futebol brasileiro e o faz não só vencedor como extremamente respeitado.

Ele não negava que os tempos haviam mudado, porém, abrir mão do futebol-arte e copiar o futebol europeu era algo tido como inadmissível, completamente fora de propósito. Assim como outros cronistas esportivos, como José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, entre outros, Nogueira

96 NOGUEIRA, Armando. “Infeliz futebol do Brasil”. In: <http://www.an.com.br/2001/abr/06/0arm.html>. Acessado em: 20/05/2006.

identificava como um defeito do caráter do brasileiro a necessidade de imitar o estrangeiro.

Nesse sentido, culpa os técnicos que simplesmente buscam copiar os sistemas europeus e não se preocupam, ou não se preparam adequadamente, em criar sistemas táticos que permitam a prática do futebol-arte. Além dos técnicos, os cartolas também estariam contribuindo para o fim da “escola brasileira de futebol”, por só pensarem nos ganhos e lucros proporcionados pelas equipes que dirigem. Sendo assim, suas crônicas também denunciam a má organização e a administração do futebol brasileiro.

(...) E, hoje, por onde anda esse futebol-arte que já não se vê mais, nem nos clubes, nem na seleção? Dirão os pragmáticos de plantão que os tempos são outros. O jogo mudou de cara. Admito, mas me permito perguntar: não será por que nos deixamos levar pela onda européia do estilo bate-estaca e dos cabeças-de-área que só degradam o futebol?; não será por obra dos técnicos cabeça-de-vento que nada criam e só copiam?; não será culpa dos cartolas velhacos que jamais se preocupam em preservar a escola brasileira de futebol e que só pensam em dinheiro – e dinheiro maldito?
Infeliz futebol brasileiro: a tantos enriquece, só ele empobrece.⁹⁷

O craque é o elemento fundamental nas crônicas de Armando Nogueira: “ao castigar Zizinho, a CBD acabou castigando o próprio futebol brasileiro”⁹⁸. Ele o considera não só o elemento identificador do clube, mas também o líder da equipe e aquele que acaba por moldar o próprio comportamento da torcida. Nogueira afirma que a torcida assume o comportamento do seu grande craque. Ele é o elemento identitário fundamental entre o clube e o torcedor.

(...) as arquibancadas botafoguenses foram, como Heleno, ficando intolerantes, intoleráveis, amargas. E isso de projetar-se no público o espírito de um time é tão verdade que, passando de Heleno a Garrincha, já nos anos de 50, o Botafogo virou galhofeiro, a cantar nas arquibancadas o refrão do olé, sublinhando otimista, a impecável circulação da bola entre Didi, Garrincha, Nilton Santos e Zagalo.⁹⁹

Em relação à liderança que o craque exerce sobre os seus companheiros de clube, Armando Nogueira destaca Pelé como um dos ícones dessa representação. Ele seria o cérebro da equipe, sobre a qual impõe, dada a sua alta categoria técnica, plena autoridade. O jogador do século seria o melhor exemplo da virtuosidade, um verdadeiro mito, o melhor exemplo do futebol-arte praticado pelos

97 Idem, *ibidem*.

98 NOGUEIRA, Armando. “A barração de Zizinho”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 158.

99 NOGUEIRA, Armando. “De corpo inteiro”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 07.

brasileiros.

O futebol é entendido por Armando Nogueira como um elemento de encontro de todos os brasileiros, para ele todas as classes estariam representadas por esse esporte. O amor por uma camisa, independente se o clube do coração ou do selecionado nacional, permite criar laços identitários e de reconhecimento dentro da multidão dos torcedores, formando assim uma consciência clara de separação entre nós e os outros, fato que se expressa inclusive na linguagem.

Afinal, os torcedores se utilizam, frequentemente, de palavras positivas e carinhosas para exprimir os seus sentimentos em relação ao clube do coração e para os adversários as palavras demonstram desprezo e até mesmo ódio. A vitória da equipe rival é entendida pelo torcedor adversário até mesmo como uma afronta pessoal.

O futebol é assim: desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da paixão. Tem de tudo um pouco, porém, é mais que tudo. Torcer por uma camisa é plena entrega. É mais que ser mãe, porque não desdobra fibra por fibra o coração. Destroça-o de uma vez no desespero de uma derrota. Em compensação, remoça-o no delírio de uma vitória.¹⁰⁰

A partir das leituras de Armando Nogueira percebe-se que o futebol contribui para a construção da identidade nacional na medida em que às pessoas de diferentes classes sociais, etnias, religiões, etc., passam a ter alguma coisa em comum para partilhar, no caso, a Seleção Brasileira, especialmente em competições internacionais. Ela seria o elo de integração da sociedade como um todo. Porém, para o cronista, a identificação nacional não é a primeira a ser construída, ela é sucessora de uma primeira e fundamental identificação: a clubística. “O sentimento de clube é mais ardente que o sentimento da pátria. A criança descobre o clube do coração antes de descobrir a própria pátria”.¹⁰¹

Armando Nogueira sempre foi considerado um cronista imparcial, mas isso não significa que não assumisse publicamente sua identidade clubística, ele era torcedor declarado do Botafogo. Porém isso não significa que ele não elogiasse e reconhecesse as equipes e os jogadores adversários, em especial aqueles que praticaram um futebol virtuoso.

100 NOGUEIRA, Armando. “O Botafogo e eu...”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 50.

101 “A voz que lateja”. In: *Idem, ibidem*, p. 146-147

Se o futebol me quisesse dar um presente, bastava que me desse um domingo inteirinho só de gols de Ademir Menezes. O estádio embandeirado, a multidão ali, em peso, todo mundo cantando e pulando pela glória do artilheiro inesquecível do Vasco da Gama.

Nesta tarde de lembranças, quero rever, sobretudo, certos gols que ele fazia contra o meu time e que eu, doido de paixão, jurava que eram feitos pessoalmente contra mim.

(...)Se eu soubesse que um dia o futebol dele ia se acabar, eu teria pedido a Deus que me emprestasse um par de olhos de cruz-de-malta só para que eu pudesse ver, à luz do amor, todos os gols que Ademir fazia contra mim.¹⁰²

Dessa forma, Armando Nogueira, mesmo sendo torcedor, não assumia uma posição extremista, isto é, não se deixava inebriar totalmente pela paixão clubística ou do selecionado nacional ao ponto de não reconhecer os méritos dos adversários. Assim sendo, por maior que fosse sua paixão pelo Botafogo, como jornalista, jamais seria um simples torcedor e a sua posição profissional sempre se fez presente em seus julgamentos.

Porém, mesmo ressaltando a necessidade de o cronista buscar uma certa imparcialidade em seus comentários, não deixa de louvar, de se identificar e de expressar esse sentimento positivo em relação ao time do coração. Tal construção se torna clara em uma das mais belas crônicas de Armando Nogueira, intitulada: O Botafogo e eu...¹⁰³

(...) O Botafogo tem tudo a ver comigo: por fora, é claro-escuro, por dentro, é resplendor; o Botafogo é supersticioso, eu também sou.

(...) O Botafogo é bem mais que um clube – é uma predestinação celestial. Seu símbolo é uma entidade divina. Feliz da criatura que tem por guia e emblema uma estrela. Por isso é que o Botafogo está sempre no caminho certo. O caminho da luz. Feliz do clube que tem pó escudo uma invenção de Deus.

Estrela solitária.

(...) O torcedor do Botafogo tem um coração repleto de memoráveis cintilações: convivem, na mesma estrela, dribles insondáveis de Garrincha, passes impresentidos de Didi, antevisões de Nilton Santos, cismas de Carlito Rocha e gols, muitos gols, de Heleno de Freitas, cada um mais épico que o outro.

O Botafogo sou eu mesmo, sim senhor!¹⁰⁴

102 NOGUEIRA, Armando. “Um artilheiro no meu coração”. In: <http://www.netvasco.com.br/mauroprais/futbr/ademir.html>. Acessado em: 28/05/2006.

103 Nesse momento, sinto-me na obrição de expressar o meu local de fala, demonstrando a subjetividade e, mais ainda, como são construídos e apropriados os laços identitários, vejam que considero essa crônica uma das mais belas escritas por Armando Nogueira, afinal ela fala do **nosso** time do coração. Não há como negar que, desde a primeira leitura, ela me emocionou e a identificação foi imediata.

104 NOGUEIRA, Armando. “O Botafogo e eu...”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 117-120.

Para o cronista, o futebol seria uma espaço de promoção da unidade nacional e, sendo assim, de superação dos regionalismos, de crenças, capaz de unir pessoas por uma linguagem comum. Nesse sentido, Armando Nogueira escreve sobre o efeito da Copa do Mundo e do futebol como elemento de superação das diferenças, logo de união, na Coréia em virtude dela ter se tornado uma das sedes da Copa do Mundo de 2002.

A Coréia professa três religiões: o taoísmo, o confucionismo e o budismo. Todas três trazidas pelos chineses. Além delas, a alma coreana cultua o xamanismo. Pelo visto, o mundial pode estar trazendo a este povo uma nova e explosiva crença religiosa que é o futebol.
Uma grande paixão no reino da contemplação.¹⁰⁵

Para ele, havia uma identificação clara entre o povo e o futebol, a tal ponto de surgir um sentimento de vitória do próprio povo brasileiro quando das vitórias da Seleção. Em suma, quando a seleção vence, tem-se a impressão de que o próprio povo brasileiro está vencendo. Por meio do futebol o brasileiro exerce sua cidadania. Dessa forma, percebe-se que Armando Nogueira também é um crítico daqueles pensadores que entendem o esporte, em particular o futebol, como um elemento alienante.

O que se exige, ao menos por vergonha, é a reverência, é o reconhecimento à obra de um herói que, brincando pelo mundo afora, nos fez um pouco mais felizes; que, sem dar um tiro, sem um discurso sequer, fez o Brasil mais nação ainda, unindo um povo para cantar, de mãos dadas, como crianças de um mundo sem lágrimas, a alegria de uma vitória nacional.¹⁰⁶

Em suas crônicas, Armando Nogueira também abordou questões relativas ao caráter nacional, promovendo comparações entre os brasileiros e estrangeiros e percebendo a importância do futebol para a divulgação e reconhecimento do país no exterior. Nesse sentido, ele percebe um estilo próprio dos sul-americanos em praticar o futebol, demonstrando que apesar da sua matriz europeia, o futebol havia sido não só incorporado, mas também reelaborado na América do Sul¹⁰⁷ e essa reelaboração é conhecida como futebol-arte, que encontra o seu ápice no futebol brasileiro e no argentino.

105 “É chegada da hora”. In: Idem, *ibidem*, p. 185.

106 NOGUEIRA, Armando. “Mundo velho sem porteira”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 62.

107 Posição que Gilbert Freyre, ainda nos anos 40, defendia ao afirmar que apesar de sua raiz europeia, mais precisamente inglesa, o futebol foi reelaborado nos trópicos, tornando-se expressão da mestiçagem brasileira e, conseqüentemente, motivo de orgulho nacional e manifestação cultural reveladora da identidade nacional. Cf. FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 421-423.

A Argentina reparte com o Brasil o privilégio de jogar o mais bonito futebol do mundo. Esse jogo apaixonante foi inventado pelos ingleses, mas ninguém negará que brasileiros e argentinos é que elevaram o futebol às culminâncias de uma arte bem próxima da dança, na riqueza de gestos, na vertigem de tantos corpos em movimento, nos instantes de críspação. Por isso, em boa hora, o futebol sul-americano acabaria batizado de futebol-arte.¹⁰⁸

Mesmo criando essa aproximação entre o futebol praticado na América do Sul, o Brasil se singulariza em relação aos seus adversários, teria sua própria escola de futebol que valoriza o craque, a habilidade e a criatividade.

Armando Nogueira, assim como outros grandes cronistas brasileiros, percebia claramente a forte identificação entre o povo e o futebol: “Que seria de ti, de mim, que seria de nós, o domingo sem a comovente mentira de um gol?”¹⁰⁹ No Brasil, como anteriormente afirmado, o futebol assume uma importância, uma dimensão tal que se tem a impressão de que a vitória do selecionado nacional é a própria vitória do povo brasileiro. Ele também entendia que as vitórias esportivas ofereciam, e indubitavelmente ainda oferecem, o reconhecimento internacional que ajuda as nações menos desenvolvidas a se livrar de seus complexos de inferioridade.

A cena assusta, mas não ofende, pois o coral do futebol conseguiu o milagre de purificar até os sons de um palavrão.
Vive-se no Maracanã, à maneira moderna, o fenômeno da santificação coletiva que os gregos antigos iam buscar no teatro
(...)
E a multidão põe-se a cantar que “ta chegando a hora”: hora de rir e de chorar, hora de viver a vitória que lá fora a vida negou-lhe a semana inteira.¹¹⁰

O tão famoso e divulgado jeitinho brasileiro, que se caracterizaria pela capacidade de encontrar saídas inusitadas, também se faria presente na forma do brasileiro jogar futebol, criando assim mais um elo identitário entre a população, os jogadores e a própria prática futebolística existente no Brasil. Tal associação se faz presente, por exemplo, quando Armando Nogueira escreve sobre o título mundial conquistado na Copa da Coreia e Japão em 2002, quando a Seleção Brasileira de Futebol se sagrou pentacampeã do mundo.

108 NOGUEIRA, Armando. “Está faltando um...”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armano Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 186.

109 NOGUEIRA, Armando. “A busca do tempo perdido”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 67.

110 “Menino-que-chega”. In: Idem, *ibidem*, p. 72.

Felizmente, o que sempre acaba salvando a pátria é o jeitinho brasileiro, essa irresistível parábola da alma do nosso povo. A saga brasileira nos mundiais não fala de outra coisa a não ser do sopro divino que transforma em obra de arte o gesto singelo de chutar uma bola.¹¹¹

Sem dúvida alguma Armando Nogueira estaria eufórico com a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, afinal ele percebeu claramente em seus escritos que no campo e na vida, na ginga e no jogo, no peito e na raça se fundem brasilidade e futebol. Torcer é pertencer. Entre atitudes corporais, discursivas e sociais se afirma um sujeito nacional, se inventa um brasileiro. O Brasil se colore de verde e amarelo da aquarela deste esporte das multidões. Somos brasileiros na confiança e na desconfiança, no otimismo e no pessimismo; do complexo de vira-latas ao homem genial estamos impregnados pela linguagem do mundo da bola. Especular sobre o futebol é especular sobre ser brasileiro. E sem temer certa dose de determinismo, enquanto existir uma partida existirá também um brasileiro. Suor e pulsação, romance e surpresa... É eterno, assim como as crônicas de Nelson Rodrigues.

111 NOGUEIRA, Armando. “A jóia do penta”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 191.

REFERENCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- DaMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- COSTA, Márcia Regina da (et. al.). *Futebol: o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio José; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- _____. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____. *Drama e glória dos bicampeões*. Rio de Janeiro: Editôra do Autor, 1962.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Fotballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. *Revista USP: dossiê futebol*. São Paulo, n. 22, jun-ago., 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- MARQUES, José Reinaldo. “Crônica valoriza o jornalismo esportivo”. In: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1273>. Acessado em: 15/08/2013.
- NOGUEIRA, Armando. “Infeliz futebol do Brasil”. In: <http://www.an.com.br/2001/abr/06/0arm.html>. Acessado em: 20/05/2006.
- NOGUEIRA, Armando. “Um artilheiro no meu coração”. In: <http://www.netvasco.com.br/mauoprais/futbr/ademir.html>. Acessado em: 28/05/2006.